



Corpos que (ainda) escapam: resenha-ensaio do livro ***Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas*** ***biográficas e educação, de Marcio Caetano***

Bodies that (still) escape: review-essay of the book Regulated Performativities: heteronormativity, biographical narratives and education, by Marcio Caetano

Carlos Henrique Lucas Lima*

Resenha de | Review of:

CAETANO, Marcio. *Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação*. Curitiba: Appris Editora, 2016.

O livro, de autoria de Marcio Caetano, cujo nome aparece no título desta resenha, é, sem medo de ser hiperbólico, uma das obras mais auspiciosas no amplo campo dos Estudos de Gênero e Sexualidade publicadas em 2016. Redigido em um estilo que flerta com a escrita literária, *Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação*, publicado pela editora paranaense Appris, parece-se menos com um livro acadêmico – no pior sentido do termo, e muito mais com um livro de literatura que lemos relaxados em uma cômoda cadeira ou poltrona antiga. Além do estilo, que não seria pouca coisa, o livro é maior do que isso: ao problematizar a produção e os sentidos dados às sexualidades e ao gênero por meio das tecnologias escolares, em especial os currículos – mas não só eles –, a publicação contribui para o debate candente que se faz na atualidade sobre o papel, tanto da escola quanto do/a professor/a, no cenário social. *Performatividades reguladas* consegue, por fim, o que poucos, se não

* Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Letras e Linguística, área de concentração em História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor adjunto A na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Contato: prof.chlucaslima@gmail.com

pouquíssimos, livros conseguem: manter o leitor e a leitora atentos/as ao longo de todas as suas não poucas páginas. É preciso fôlego! São 315 páginas recheadas de narrativas e experiências.

É um livro, então, que, desde o primeiro momento, nos atrai por seu estilo, pela forma como o autor, tal qual um artífice de símbolos e caracteres, molda as palavras, produzindo sentidos, tal qual a boa literatura, inesperados. A boa literatura, dizem os críticos literários, precisa surpreender aqueles e aquelas que a leem. Precisa, mais do que isso, provocar, como gosto de dizer, sismos, digamos assim, não só nos sentidos, como também epistêmicos, ou seja, que nos afete na forma como nos apossamos do mundo e das coisas que nele há. Quer dizer: um bom livro precisa inevitavelmente mudar, em alguma medida, a forma como apreendemos a “realidade”, mesmo que ela, como veremos logo em seguida, seja posta em suspenso pelo caráter discursivo – e, portanto, construído, mas não menos concreto – dos discursos.

Assim, quero seguir neste breve, mas não menos cuidadoso texto, no comentário, em um primeiro momento, mais estético de *Performatividades reguladas*, para, logo em seguida, discutir as noções que subsidiam as reflexões de Caetano. Ao fim, pretendo evidenciar a robusta contribuição para os Estudos de Gênero e Sexualidade que a publicação acarreta, não sem, evidentemente, apontar o que considero alguns limites deste que, ao que tudo indica, se firmará como texto basilar nas discussões sobre escola, docência, ideologia e os estudos feministas de gênero e sexualidades.

Nossas vidas são telas de representação

Em *Performatividades reguladas*, o texto e, para ser mais exato, o *discurso*, ou melhor, as narrativas sobre a vida, ocupam um lugar privilegiado. São elas, na compreensão do autor, que, tal como roteiros de um filme, dão sentido às nossas existências, personagens que somos em uma peça cujo título e autor, para o bem ou para o mal, desconhecemos. No livro, as personagens são educadores e educadoras, pessoas sexo-gênero dissidentes que, conforme se pode observar e evidenciar na publicação, ora se aproximam ora se afastam, e muito, dos ditames dos regimes de regulação da vida, a saber: a heteronormatividade e, conceito caro a Caetano, o androcentrismo.

Essas personagens, que Caetano, como um demiurgo, renomeia com nomes de entidades andróginas das culturas iorubá, tupi-guarani, egípcia e ateniense, mostram-se, como se diz na crítica literária, “redondas”, profundas, cheias, curtas, enfim, complexas. São efetivamente vidas. Pessoas. Das páginas saltam travestis, transexuais, gueis, lésbicas e outras pessoas que, em alguma medida, se colocam frontalmente à heteronormatividade e que escapam às fronteiras definidas pelas identidades na escola e, mais amplamente, na vida. Elas são ri-zo-má-ti-cas! E não só: como telas, mostram um corpo em dissintonia com a heteronormatividade, mas, e sobretudo,



conscientemente se engajam em um ativismo cujo objetivo, assim nos mostra Caetano, reside na árdua destituição da heteronormatividade e de outros regimes de controle da vida.

Mas eu prometi que, por ora, me deteria mais na questão estética de *Performatividades reguladas*. Disse, no início deste texto, que o livro de Caetano nos tira, como os bons livros, da normalidade, quer dizer: provoca sismos, coceiras, inquietações. E isso, de maneira alguma, é ruim: ao contrário, é um texto que nos obriga, ao tempo em que nos encanta, a cuidar as vírgulas, os pontos, a cadência dos períodos, enfim, toda a teia discursiva que revela várias interessadas histórias de vida. É isto: o livro de Caetano, arrisco dizer, interpela e ultrapassa ao mero registro, no mais das vezes seco e duro, dos estilos acadêmicos. É, ele, não diria que uma fundação, mas uma reinvenção nas formas como nós, acadêmicos e acadêmicas, lidamos com nossas fontes e, mais importante, com os sujeitos participantes da pesquisa.

Na escritura de Caetano, as personagens que lá estão não são frios nomes pintados de preto no branco papel. Os parágrafos não são blocos compactos e (quase) inexpugnáveis. O texto, ao contrário disso, é permeável, leve, poroso: re-ve-la-dor! Sim, assim mesmo, com todas as sílabas, ditas bem abertas e em alto e bom som. É um livro que mostra muito, que não se ressent de sua falta de pedantismo.

Para encerrar esta seção, vale dizer que Caetano, em *Performatividades reguladas*, apresenta suas personagens – que agora são nossas, são do mundo – como telas: os próprios corpos de Nu, Tiresia, Jaci-Quisaña, Logun Edé e Jacinto, personagens do livro, mostram, em si mesmas, a forma como o gênero e as sexualidades, bem como a heteronorma e o androcentrismo, se instituem por meio das regulações escolares, familiares, científicas, etc. Mas, além disso: como brilhantes telas quase que de televisão, essas personagens inscrevem, em si mesmas, os significados, por vezes tortuosos, pelos quais os regimes de poder coercitivamente as conduzem. Como dito pelo autor em diálogo com a antropóloga-feminista Marcela Lagarde, “Nossas vidas são verdadeiras epistemologias”: elas comprovam a veracidade de nossos conhecimentos feitos. E quem nos conduz nessa sessão no mais das vezes bela e interessante, assombrosa diria eu, é Caetano, o qual, não é pouco lembrar, é mais que um autor: apresenta-se ele como o narrador, ou, como acima disse, um demiurgo, um feitor de mundos por meio da palavra.

Da estranha força que nos faz escapar

Guacira Lopes Louro, cuja apresentação é dispensável e que, isso sim é preciso dizer, participou da defesa da tese de doutoramento em Educação de Caetano cujo trabalho avaliado e avalizado deu origem a *Performatividades reguladas*, nos diz, em reiterados de escritos seus, que



“os corpos escapam”¹. Ou seja, que, a despeito das investidas dos regimes de poder, os “corpos abjetos”, nas palavras de Judith Butler, seguirão existindo, continuarão se proliferando, para alegria de uns e umas, partidários/as do pluralismo, e para o desespero de tantos e tantas outras, fiadoras do fascismo que não mais espreita, mas que, infelizmente, e mais do que nunca em nosso tempo, mostra os dentes feroz. Na esteira de Guacira Lopes Louro, Marcela Lagarde, Norma Brazquez Graf, Gloria Careaga e tantas outras potentes feministas latino-americanas, Caetano mostra nas páginas de seu livro *corpos* que se negam a seguir os clamores da heteronorma e do androcentrismo. São corpos e subjetividades rebeldes, irreconciliáveis com a violência que tem medrado, não sem arranhões, nas instituições e, em especial, nas escolas brasileiras.

Muito embora, como antes mencionei, Caetano tenha o cuidado, e, é preciso dizer, a justeza, de dizer que nem sempre os corpos “abjetos” se oporão às normas, mas, às vezes, a elas se aliarão, talvez no desejo de serem “aceitos” socialmente. As personagens de Caetano, na maioria da narrativa, se mostram extremamente valentes e dispostas a desafiar a ordem sexual e de gênero do presente, seja com seus corpos ou, o que é mais caro ao pesquisador-narrador Marcio Caetano, com as tecnologias educacionais, notadamente os currículos.

Heteronorma e androcentrismo

Se não a maior, pelo menos muito relevante no texto de Caetano é a proposição que faz ele da necessidade de as pessoas que trabalham com gênero e sexualidade não privar de suas pesquisas e análises a relação quase que siamesa entre a heteronormatividade e o androcentrismo. Para Caetano, este conceito se associa com aquele na medida em que o androcentrismo, mais do que apontar para o governo do homem/masculino por sobre a/o mulher/feminino, evidencia o imperativo, regido pela heteronorma, de que o homem/masculino deve inevitavelmente exercer poder sobre o sexo “oposto”, sobre crianças, sobre a pessoa mais fraca e, o que é mais agudo na análise de Caetano, sobre si próprio, como que em um superego a regular o corpo e a subjetividade do homem/masculino.

É um texto, o de Caetano, conceitualmente tenso, mesmo que, como acima disse, flerte com a escrita literária. O que não seria uma contradição. Absolutamente. Pelo contrário: negociar uma linguagem ao mesmo tempo literária e uma outra, mais dura, intrincada e conceitualmente irreparável, é uma tarefa bastante difícil na qual, felizmente, *Performatividades reguladas* se saiu muito bem.

Mas retornando aos conceitos manejados, vemos nas reflexões, que mais se assemelham a inaugurações teóricas de Caetano, um desejo de descolonizar não apenas o modo como se faz

¹ Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_infancia_e_juventude/Mesa_Redonda/02_38_25_m58-289.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2016.



uma escrita acadêmica como também o profícuo diálogo com autoras e autores da América Latina de língua espanhola. Os feminismos latino-americanos, notadamente aqueles que ele conheceu no México, na Argentina e na Colômbia povoam alegremente as páginas de *Performatividades reguladas*.

Ser pró-feminista, para Marcio Caetano, sobretudo em um tempo em que há uma disputa, a meu ver no mais das vezes infrutífera e produtora de feridas irreparáveis, entre quem pode falar o quê e em quais lugares, significa, para ele, um homem não transexual, mesmo que guei, abrir mão dos privilégios que a masculinidade, muito embora a contrapelo, lance, quase sempre violentamente, por sobre todos os homens. É, mais do que isso, não desejar exercer o governo sobre o corpo do outro – do Outro... da OUTRA. Ser pró-feminista, para o autor de *Performatividades reguladas*, não é “solidarizar-se com as mulheres”, com “sua dor” etc., frases que cotidianamente ouvimos por aí; é, sim, rechaçar, insistente e inabalavelmente, o lugar que para o homem a heteronorma e o androcentrismo gestaram visando à manutenção do estado atual de coisas. Lutar com elas sabendo que no feminismo são as mulheres que ocupam a centralidade. Mas é preciso retomar o dito por Caetano: “A emancipação feminina do regime heteronormativo e androcêntrico resulta na liberdade masculina”.

A escola: lugar de fracasso?

Por fim, e em diálogo direto com o título da obra, *Performatividades reguladas*, é preciso dizer que, como ensina Butler, o gênero é produzido por meio da repetição, quer dizer, daquilo que Jacques Derrida chamou, conceitualmente, de “citacionalidade”. Mais especificamente: o nosso gênero e, diria mais, até mesmo a nossa corporalidade são *efeitos de discursos* performativos, isto é, ao invés de tão somente descreverem aquilo que nomeiam, terminam, ao final, por produzir aquilo que enunciam. Então as personagens de Caetano são, como não poderiam deixar de ser, produzidas, elas são *fabricadas na cultura*, ou melhor: por meio do que Caetano chama “movimentos curriculares”. E não apenas o currículo visível, aquele presente nos planos de educação, nos programas, nos exercícios, nas atividades, mas principalmente nas brincadeiras, na disposição das carteiras, nos conteúdos que são *selecionados* pelas escolas e secretarias de educação e, mais incrivelmente, até mesmo na arquitetura do espaço escolar e no dito conhecimento.

Dessa forma, as identidades de professores e professoras, de alunas e alunos, enfim, de toda a comunidade escolar e, mais especificamente, das personagens de Caetano em *Performatividades reguladas*, são o resultado da ação de uma série de tecnologias educacionais pensadas para, como afirma o título da obra, *regular*, isto é, formatar e enquadrar. Mas, como afirmei inicialmente aqui, por uma força estranha, por algum motivo que não sabemos (ainda) explicar, os corpos seguem escapando. As performatividades, mesmo que reguladas pelos regimes de poder,



não poucas vezes livram-se da vigilância dos censores dos desejos, dos agentes de fronteiras, e escapam, proliferam-se pela vida causando diferença. Espanto. E, como nos mostra o livro de Marcio Caetano, esperança. A escola não é, então, um espaço de inevitável regulação. Suas personagens belamente deixam patente que a invenção de formas de estar no mundo, cujo potencial se está ainda por verificar, é abundante por entre os muros da escola. Caetano certamente aprendeu isso com Regina Leite Garcia, sua orientadora no doutorado e amiga.

Por fim e não menos importante é o prefácio do livro. Assinado pela professora emérita da Universidade Federal Fluminense (UFF), Regina Leite Garcia, talvez tenha sido sua última publicação. A professora Regina Leite Garcia faleceu dias antes do lançamento do livro e é com ela que quero terminar esta resenha “Futuros leitores e leitoras do importante livro de Marcio Caetano, que cada um/uma faça a sua leitura, espero, com o mesmo prazer que fiz”.

CAETANO, Marcio. *Performatividades reguladas*: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris Editora, 2016.

[Recebido em: novembro de 2016 /
Aceito em: dezembro de 2016]